

A FILOSOFIA SOCIOPOÉTICA DOS EDUCADORES SOCIAIS DE RUA, EM TERESINA/PI¹

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

*A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
[...]*

*É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Manoel de Barros*

Neste artigo priorizo apresentar alguns aspectos de minha pesquisa de doutorado para ressaltar a importância da Sociopoética, enquanto método produtor de conhecimentos com o corpo todo e em grupo. Objetivo, portanto, apresentar, brevemente, a pesquisa com os educadores de rua (co-pesquisadores) para enfatizar os potenciais filosóficos produzidos na vivência com a técnica Histórias Bricoladas.

Os Princípios da Sociopoética e o seu Diferencial

A Sociopoética é uma abordagem de pesquisa ou aprendizagem que destaca, simultaneamente, os seguintes princípios: a importância do corpo como fonte do conhecimento; a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, co-pesquisadores; o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes.

Portanto, são princípios, nada de dogmas. Destaco que o segundo princípio de valorização das culturas dominadas e de resistência não trata de se fechar em culturas separadas, tampouco em estabelecer oposição frontal entre brancos e

¹ Parte deste trabalho foi apresentada na 28ª Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em 2005.

negros, índios e não-índios, fêmea e macho, infantil e adulto.... mas, sim, em valorizar o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da racionalidade. Trata-se, portanto, de desorientarmos nosso intelecto, caotizarmos nossa percepção e categorização do mundo e descobriremos outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! Segundo Gauthier (2003b), na pesquisa, podemos chamar de prática pluricultural, uma experimentação da vida, que não tem nada a ver com o tempo histórico, e sim com a produção de potências. Enfatizo, também, que a Sociopoética foi gerada na encruzilhada em que se encontram a pedagogia do oprimido, a análise institucional, a escuta mito-poética e a educação simbólica².

Assim, ao conhecer a Sociopoética, em 2000, o que mais me chamou atenção, neste método, foi o princípio de pesquisar com o corpo todo e em grupo. Neste modo de fazer pesquisa, o corpo pesquisador produz uma escuta sensível, porque o conhecimento é sobretudo partilhado, não se faz sozinho. Constitui um grupo-pesquisador formado pelo facilitador (pesquisador oficial) e pelos co-pesquisadores, nesse caso, foram 14 educadores de rua.

Desse modo, em grupo, tem-se a oportunidade de compartilhar saberes e não saberes, pois os corpos pesquisadores produzem e ampliam conhecimentos de forma livre e democrática, bem como produzem auto-análise de suas práticas, ao perceber os pontos enrijecidos de seu corpo – a armadura que os protege do mundo, e cria obstáculos no ato de conhecer e de criar o novo. Na vivência das oficinas de produção e análise dos dados, e na contra-análise, os saberes são postos à prova ao confrontarmos linhas de pensamento e dissolvermos nossas próprias certezas ao percebermos nossas “costas”. Nesse sentido, meu desejo ao utilizar a Sociopoética foi conseguir manter o propósito de não falar em nome, e nem no lugar dos outros e, desse modo, propiciar o aflorar das dúvidas e questões entre os próprios educadores. Ou seja, na experiência das oficinas a princípio o que se faz é que cada um cuida do seu próprio negócio encontrando ao mes-

² Ver esse encontro teórico detalhadamente em Gauthier, (1999a) e Petit apud Matos (2002).

mo tempo os outros; cada um tira seu proveito, e um devir se delinea que já não é de ninguém mas está 'entre' todo mundo do grupo (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 17).

E é porque se está 'entre' todo mundo que acredito que é em grupo, ao acaso, que se encontra uma idéia, porque o que se aprende e se conhece acontece a partir de múltiplos e diversos domínios. É a partir da relação com o exterior – o de fora – que podemos respirar ar fresco. “É preciso fazer o múltiplo”, diz Deleuze. Nesse caso, o que mais conta não é apenas o trabalho em grupo, mas o fato estranho de trabalhar 'entre' as pessoas de um grupo. Em grupo, misturado, eu lhe abraço, eis a dobra, um movimento é realizado. Enfim, o que resulta desse movimento é: não sou mais eu, nem você..., é outra coisa, outra relação – mestiça, um devir, uma multiplicidade heterogênea pois assim como Alice no país das maravilhas, pode-se mudar de devir “segundo as ‘horas’ do mundo” [...], de forma não determinada. Posso por exemplo ser mulher e viver um devir masculino, pertencer às classes populares e viver um devir aristocrático, sem que isso signifique que eu seja nem pareça um homem ou aristocrata, são apenas fluxos contraditórios e imprevisíveis que convivem em mim, sem definição temporal. O devir é então uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida (PETIT, apud MATTOS et al. 2002, p. 37).

Misturados, nós, pesquisadores, transmudamos sociopoeticamente em corpos que se ampliam à medida que usam o corpo inteiro. Como orienta Gauthier, o importante

[...] é multiplicar os ângulos de visão, de escuta-fala sensível, importante é pesquisar sem cessar o que está invisível por falta de proliferação do olhar-tocar-cheirar-degustar, do intuir, do se emocionar, do raciocinar. (1999a, p. 21).

O importante é que corpos pesquisadores, quando misturados, denunciam e produzem um chão de possibilidades e de vida no conhecimento.

As Histórias Bricoladas: Os Conceitos Filosóficos

Na pesquisa com os educadores de rua foram realizadas 10 oficinas com duração de 4 horas, sendo que 5

(cinco) foram para produção de dados³ e as demais para análise dos mesmos pelos co-pesquisadores. Nas oficinas, utilizei dimensões da arte com o intuito de causar estranhamento em torno do tema gerador escolhido pelo grupo: "O desejo na convivência dos educadores sociais de rua". Estranhar o tema? Sim, através da experimentação nas vivências, com técnicas⁴ que suscitam as dimensões do corpo todo, os co-pesquisadores fizeram livres associações com o tema, produzindo conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e, mesmo inusitados. Para Gauthier (2003b), essa produção são conceitos desterritorializados que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais, bem como, confetos (conceitos + afetos) inusitados e contextualizados no afeto e na razão. O objetivo é mostrar que toda pessoa possui uma veia filosófica, sendo capaz de criar conceitos, de filosofar.

Utilizei 4 técnicas de produção de dados: A invenção do corpo coletivo do educador de rua; Histórias Bricoladas; Lugares Geomíticos e Co-pesquisadores: repórteres por um dia. Como já falei, nos centraremos nas Histórias Bricoladas pela potência na produção de conceitos filosóficos. Esta técnica foi criada como tentativa de fazer uma ligação entre esta pesquisa e a primeira, com os jovens de rua.

Então, como idealizei esta técnica? Ela foi inspirada seguindo a idéia que aparece em Lapassade (1998, p. 126) de bricolagem: "a regra desse jogo é sempre a de ajeitar com recursos secundários [...] um conjunto de ferramentas e de materiais heteróclitos". O procedimento era que os co-pesquisadores misturassem suas histórias de vida, pro-

³ Na concepção da sociopoética, os dados que surgem dessa experiência não são "coletados", como se estivessem nos esperando numa cesta, e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e suas técnicas são uma implicação inegável. Daí, qualificamos essas oficinas como sendo de produção e análise dos dados (PETIT, apud MATTOS et al. 2002, p.42-43).

⁴ As técnicas de produção de dados são dispositivos que se caracterizam por um (ou uns) lugar (es), um (ou uns) tempo(s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem 'objetivar', isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária. [...] Tornam-se visíveis e analisáveis rede de desejos e poderes nas quais todos estão imersos, bem mais amplas do que o que é mostrado pela instituição. (GAUTHIER, 1999a).

duzidas na primeira técnica – A invenção do corpo coletivo do educador de rua, com a história mítica *Tempo Rei e os dançarinos mascarados*, adaptada de um acontecimento vivenciado com os jovens de rua e registrado por mim em diário de campo no dia 24 de agosto de 1999.

As oficinas Sociopoéticas iniciam-se com um relaxamento, pois

[...] os membros do grupo-pesquisador devem conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual. (GAUTHIER, 1999b, p. 39).

Desse modo, iniciei a oficina com os corpos dos co-pesquisadores deitados sobre mantas e fiz o relaxamento. Em seguida, cada um foi convidado a expressar, com uma palavra, o desejo que sentiu com a história que ouviu. Algumas palavras foram: felicidade, magia, liberdade, alegria, partilha, amizade, prazer, companheirismo, ação e cumplicidade.

Depois, cada educador recebeu cópias de transcrição de sua história de vida e da história mítica para que, com plasticidade, misturassem as histórias e produzissem outra. Em uma espécie de bricolagem, juntassem o que parecia in-juntável. Muitas foram as produções subjetivas. Cada um fez um painel com colagens, desenhos, frases e, em plenária, puderam expor a criação de suas Histórias Bricoladas. Esta produção plástica foi analisada, de forma intuitiva, evitando referir-me, no primeiro momento, aos registros escritos de suas explicitações. Como fiz essa leitura intuitiva? Uma percepção clara, direta, imediata e espontânea dos painéis, que estavam todos espalhados pelo chão, procurando sentir o que causavam em mim, no meu corpo. Ou seja, uma leitura dos dados em intensidade. Algo que passa ou não passa.

Quanto às transcrições das Histórias Bricoladas, elas se transformaram em relatos e foram analisados conforme análise classificatória (oposições, dicotomias, alternativas e escolhas) e momento transversal (uma não-análise que destaca as ligações, as ambigüidades e convergências). Estas análises acompanharam as linhas polissêmicas do pensamento do grupo em relação ao tema “Os desejos na

Convivência dos educadores sociais de rua". Nesse caso, os co-pesquisadores brincaram de filosofar e criaram vários conceitos e confetos sobre educador e menino de rua, bem como sobre as forças e os desejos que os movem.

Análise Filosófica⁵ e Considerações Gerais Sobre os Achados das Análises

Na produção de dados, os educadores sociais de rua – co-pesquisadores – criaram conceitos e confetos em relação aos seus desejos na convivência em grupo. Estes conceitos foram produzidos nos interstícios dos encontros, nas oficinas, onde estávamos todos implicados e misturados. E foi a partir dessa condição mestiça, após a análise das técnicas, especialmente das Histórias Bricoladas e dos conceitos e confetos produzidos, que cheguei a algumas linhas do pensamento do grupo. Estas linhas apresentam os seus desejos em dimensões, na convivência. Na primeira dimensão, os desejos se dão na convivência entre os educadores e os jovens, e na segunda, entre eles e as entidades que trabalham com as crianças e os jovens, especialmente, a SEMCAD – Secretaria da qual fazem parte. Todas as dimensões destas linhas de pensamento são perpassadas pela problemática da prática pedagógica. Essas dimensões são criações do grupo, cada uma ressoa na outra, emitindo ondas, provocando movimentos desterritorializantes. Enfim, todas constituem o pensamento do grupo, em sua multiplicidade, no momento das oficinas. Como dizem Guattari e Rolnik (1996, p. 218-221), são campos possíveis e co-existem.

Na convivência entre os educadores e os jovens, os desejos são potentes, alegres, pois um pacto é estabelecido entre eles, um “devir-picolé” que os torna um corpo hábil para se derreter (imaginem em uma cidade como Teresina, que sempre é muito quente!) e se misturar com os jovens de rua, de forma descontraída e brincante pelas praças e ruas da cidade. Um “devir-picolé” que se forma, se desenvolve e se transforma por contágio e, nesse caso, as hierar-

⁵ A análise filosófica faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, pois na Sociopoética temos a liberdade de escolher nossas próprias abordagens. Isto é, desde que não se sobreponham aos conceitos e confetos criados pelos co-pesquisadores.

quias se diluem formando um conjunto complexo, em que educador e jovem se dissolvem, pois as regras são momentaneamente ignoradas (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.25). São desejos de abundância na convivência – um compósito – a criação de melodias independentes que co-existem nessa interação com os corpos das crianças e dos jovens com os quais convivem. Nesta dimensão, os educadores usam os desejos mais sensíveis para movimentar seu corpo e torná-lo ágil para trabalhar com as crianças e os jovens. É uma dimensão política, porque, aqui, a regência fica sob a batuta da inclusão, daquilo que se insinua *entre* – no devir.

A culminância desses desejos encontra-se no conceito de “educador ao léu”, pois seu corpo consegue brincar, correr atrás de seus sonhos e não ficar parado, estagnado. É um corpo que consegue estar “aqui e acolá”, em “um lugar e em outro lugar”. Um corpo educador de rua que se garante, pois está em sintonia com o trabalho. Na convivência com os jovens, que é puro movimento, os educadores não conseguem ficar parados, e vivem os acontecimentos no momento mesmo em que estão sendo, acontecendo. Este desejo na convivência do grupo é tão intenso que o educador de rua, em determinado momento, deseja tornar-se os próprios jovens, já que estes conseguem viver e quebrar as normas policiais da cidade-conceito (CERTEAU, 1994); e os educadores não possuem coragem suficiente para quebrá-las. A este “desejo” os educadores chamam de “transgressor”, pois está associado à vontade dos co-pesquisadores de desconstruírem as hierarquias.

Enfim, conceitos inusitados e permeados de afeto. “Devir-picolé”, que advém do confeto “educador-picolé”, e é co-extensivo aos conceitos de “educador brincante e ao léu”. Afetos que não são sentimentos pessoais, tampouco suas características. São a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu-educador. Eles são, portanto, o instante da diluição das hierarquias, do desterritório, da mistura, do não centro – o momento potente em que o educador sai do seu eu e se lança ao encontro com os jovens de rua. É a dimensão desejante em que o educador deixa de ser domesticado, arrisca-se e se permite ser matilha, bando – multiplicidade em fusão – que se forma, se desenvolve e se transforma por proliferação. Na convivên-

cia, esses desejos não se confundem com as sociedades familiares ou estatais, pois são uma experimentação, devires imperceptíveis, moleculares, que escapam a essas organizações presas – potências hierarquizantes. Portanto, esses desejos criam linhas de fuga e são efeitos das “forças determinação e empurrão” – potências que ajudam os educadores a se soltarem “da força mão amarrada com linha”, e a furarem o cano – fazer vazar, fluir e produzir outras conexões e outros desejos na convivência do grupo.

Na convivência dos educadores com as entidades que trabalham com os jovens de rua, os desejos são retraídos e o corpo do educador fica contraído, é o momento em que nós estamos diante dos nossos desejos frente à instituição, o nosso corpo fica [...] com vontade de mostrar os desejos mas não se movimenta, não vai em frente.

Os educadores foram minados, capturados em seus desejos, por instituições de controle e de seqüestro, que endurecem linhas e territórios... que formulam uma “fala única”, homogeneizante, capturando a polifonia que habita as multiplicidades do grupo. Os educadores – máquinas desejanter – produzem um organismo, e nessa produção sofrem por estarem organizados assim, por não terem outra organização ou organização alguma. Tornaram-se, portanto, um organismo organizado: previsível, ordeiro e de fácil manipulação?

Diante dos aspectos problematizados pelo grupo, o “Curinga”, inquieto, reflete e fala sobre a questão dos “desejos maternos” que, para ele, convergem para o conceito de “educador luz no final do túnel”:

[...] eu acho, que de uma certa maneira, essas idéias de *desejos maternos* e de *educador luz no final do túnel*, ser a esperança e a solução para os problemas dos meninos, acabam por nos trazer a problemática da instituição controladora, aquela que não vê a potência do menino, do que ele pode ser, ou mesmo de possuir um desejo de um modo grande. Acho que quando a gente concentra tudo na gente e achamos que a mudança está na gente, isso aproxima nossas práticas às da Semcad, pois usamos de autoritarismos ao tentar neutralizar a autonomia dos outros. Em vez de trabalhar com o jovem, nós acabamos resolvendo por ele e acabamos por acelerar o processo

de institucionalização dele. Então, ele se pergunta: Mas esses desejos se opõem mesmo ao paternalismo sugerido pela instituição? É um desejo oposto?

Essa problemática mostra exatamente a institucionalização do papel do educador de rua, e a perpetuação do próprio projeto que passa a ser a solução para os problemas dos meninos na rua. Inclusive, constata-se:

Quando a gente chega na educação de rua, nós temos a impressão de que nós vamos resolver o problema do menino. [...] Eu acho que nós, ainda hoje, temos isso: achar que temos a saída. Nosso trabalho, às vezes, é claro, é escuro, porque o educador diz: "eu vou resolver a situação. Eu sei que posso fazer isso, como se fosse um poder".

Um poder que, em alguns momentos, em vez de criar a autonomia cria a dependência e a institucionalização dessas crianças e jovens, ao tempo em que fragiliza a potência do educador que acaba por se sentir culpado e incapaz, quando não consegue resolver os problemas com os quais se depara nas ruas. Enfim, conforme Deleuze e Guattari (1976, p. 23-24), um registro marca esse corpo e estes sentidos, massacrado pela solidão do povoamento e pelas sensações de culpa e de perseguição.

Enfim, os corpos dos educadores de rua são minados, controlados, monitorados, regulados, modelados, mas, gritam e esperneiam, criam também potencialidades, máquinas de guerra – *fronts* diversos e estratégicos – resistências de um "devir-picolé" que abre-se para o exterior, efetuando-se como exercício político de conexões inventivas entre eles e os jovens e entre eles e a própria SEMCAD. Um devir minoritário, virtualmente capaz de torná-los potentes para emitir algo de sua potência criadora e de sua capacidade de instituir outras formas de sociabilidade com a vida e, especialmente, com os jovens, com os quais trabalham e convivem.

Assim, percebo que, nestas dimensões da convivência do grupo, apresento um grupo crítico e autocrítico, pois capaz de mostrar-se envolvido com seu trabalho a ponto de misturar-se com os jovens de rua, mas, também, um grupo que evidencia sua face autoritária ao perceber que suas práticas podem concentrar tudo em si, inclusive as mudanças na

vida do jovem, a ponto de não ver a potência do menino, ou mesmo que ele possa ter um desejo grande. Ou seja, as Oficinas Sociopoéticas possibilitaram ao grupo descobrir os problemas que de forma inconsciente os atingiam, e a favorecer novas maneiras de problematizar os seus desejos na convivência ao perceber a sua própria capacidade criativa.

A contra-análise, para mim, foi um dos momentos mais potentes e criativos porque fez com que o grupo ampliasse os sentidos produzidos ao transversalizar os conceitos: um conceito foi cruzado, tomado, assimilado, retrabalhado, recriado ao ser remetido a outro conceito, como por exemplo, ao cruzar o conceito de “desejos maternos” com o de “educador luz no final do túnel”. Além disso, esse cruzamento fez o grupo criar um novo conceito, o de “educador encaminhador” – aquele que é resultado da ligação dos conceitos anteriores. Ou seja, o grupo realimentou os conceitos numa encruzilhada de problemas que se proliferaram na contra-análise, num processo de heterogênesse e de afinição de conceitos que atraiu e criou outros significados, mostrando-me que a produção do conhecimento é infinita, inacabada e aberta, pois nunca acaba de atrair significados heterogêneos para uma palavra ou expressão dada (GAUTHIER, 2003a, p. 3).

Desse modo, a Sociopoética é um método e uma prática filosófica que descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (GAUTHIER, 2003b).

Penso, também, que a Sociopoética é um método válido para garantir a democracia e a autonomia dos co-pesquisadores como produtores de um pensamento capaz de expressar suas convicções, e intervir na busca de certezas ao construir pontes para o futuro, sem medo das incertezas. Assim, cada um dos co-pesquisadores pode tornar-se filósofo ao correr riscos e apalpar as intimidades do mundo. Isso foi possível porque, como filósofo, eles tiveram que retirar o

traço acostumado dos seus desejos e imaginar, criar, transver, desformar, desestruturar e tirar da sua convivência as naturalidades (BARROS, s.d).

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel. Disponível em: <<http://www.luzdacidade.com.br>. Coleção Poesia Falada. v. 8.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *As Máquinas desejantes*. In: _____. *O Anti-édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

_____. *Acerca do Ritornelo*. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Rio de Janeiro: Edições 34, 1997. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ, 1999a.

_____. *O que é sociopoética*. São Paulo: Brasiliense, 1999b.

GAUTHIER, Jacques. *Trilhando a vertente filosófica da montanha: sociopoética – a criação coletiva de confetos*. 2003a. (Mimeo).

_____. *Notícias do rodapé do nascimento da Sociopoética*. 2003b. (Mimeo).

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LAPASSADE, Georges. *Da multiferencialidade como bricolagem*. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (Org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

PETIT, Sandra. *Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa*. In: MATOS, Kelma Socorro L. de & VASCONCELOS, José Gerardo. *Registros de pesquisas na educação*. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos).